

LEITURAS SOBRE O CONCEITO DE IMAGINAÇÃO EM GASTON BACHELARD

Meire Luci Bernardes Silva MACHADO¹
Universidade de Uberaba – UNIUBE

Sueli Teresinha de ABREU-BERNARDES²
Universidade de Uberaba – UNIUBE, Orientadora.

Agência Financiadora: CAPES/OBEDUC

Resumo

Este texto tem como tema as leituras sobre o conceito de imaginação em Gaston Bachelard e as contribuições da imaginação na formação da criança nas fases iniciais de escolarização, na perspectiva teórica de Gaston Bachelard. O objetivo é compreender como a imaginação criadora despertada pelo contato com a arte contribui para a formação da criança nas fases iniciais de escolarização. Entre as teorias que discutem a relação de complementaridade entre o imaginário e o real está a fenomenologia bachelardiana. Em um estudo bibliográfico buscamos a importância dessa teoria para o campo da educação, emerge da afirmação de que o contato com a arte viabiliza a experiência de transformação, de metamorfose do sujeito. O estímulo ao imaginário nessa construção do saber nos períodos iniciais possibilita momentos de constantes descobertas. Nessa fase tudo se torna ações dinâmicas, um constante desafio de “aprender a fazer”, de explorar, inventar, recriar, construir seu caminho à ser guiado pela imaginação. Parte-se da questão: como a imaginação criadora contribui para a formação da criança nas primeiras fases de escolarização? Nos momentos em que ela se encontra em ações de construção e descobertas com as artes plásticas, brincadeira, brinquedo, as artes cênicas e a construção e manipulação de diferentes objetos. A criança viverá uma experiência que lhe possibilitará uma relação do real com o imaginário, em um diálogo transformador na busca do conhecer, do aprender e do criar, tendo o fazer, o experimentar, o brincar e o imaginar como fontes de aprendizagem.

Palavras-chave – Fenomenologia bachelardiana. Imaginação criadora. Arte. Formação da criança.

¹Mestranda em Educação pela Universidade de Uberaba - UNIUBE, pesquisadora do Projeto Observatório da Educação “Interdisciplinaridade na Educação Básica: estudos por meio da arte e da cultura popular”, bolsista – Agência financiadora – CAPES/OBEDUC licenciatura plena em Educação Física, professora na rede estadual e municipal de Ensino no município de Planura – MG. E-mail: bernardesmeire@hotmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, UNIUBE; Coordenadora do Observatório da Educação “Interdisciplinaridade na Educação Básica: estudos por meio da arte e da cultura popular”, CAPES/OBEDUC; Coordenadora da equipe UNIUBE da Rede de pesquisadores sobre Professores(as) do Centro-Oeste – REDECENTRO.

Introdução

Ao propor este estudo buscamos ressaltar os diversos caminhos que a educação concede na formação da criança, suas relações com a imaginação criadora, que se aproxima neste texto das reflexões e contribuições sobre um modo de compreensão da imaginação como fonte primeira para o processo ensino-aprendizagem. O que se pretende apresentar é como a imaginação criadora contribui para a formação do ser, em fases iniciais de seu período escolar.

Para fundamentar esta questão relacionada ao desenvolvimento total do ser humano e seu mundo, nessa fase de desenvolvimento da criança, busca-se por meio de uma pesquisa bibliográfica, enfatizar, sobretudo, nesse artigo autores como Gaston Bachelard (1996) e sua comentadora brasileira a Sandra Richter (2006, 2009), cujas pesquisas e estudos proporcionam maior entendimento e compreensão sobre o tema. O filósofo francês desenvolve a fenomenologia da imaginação em sua obra filosófica, na qual se inspira nas imagens criadas pelos devaneios dos poetas. A comentadora em questão apoia-se na fenomenologia bachelardiana em suas pesquisas sobre a educação infantil.

As fases iniciais da criança nos oportunizam identificar que é por meio das experiências vividas com o fazer, o experimentar, o brincar, o imaginar que se concebe a verdadeira fonte de aprendizagem por diferentes vias de leitura das linguagens plásticas, poética, corporal e lúdica.

Portanto, entre os veículos para essa viagem do imaginário no real, estão os procedimentos utilizados pelos docentes, que poderão permitir grandes e inovados momentos para essa aprendizagem.

A formação implica essencialmente uma desconstrução e reforma do sujeito. Os obstáculos no percurso para a construção do conhecimento devam ser destruídos na tentativa de acertos e erros, pois o erro se impõe como mola propulsora para o desenvolvimento do saber.

Segundo Bachelard, é nas atividades intersubjetivas empreendidas em sala de aula entre mestre e aluno (docente – discente) que o racionalismo se espelha, é fundamental para o ser. Essa razão pedagógica é variável e seus princípios, assim como os próprios conteúdos pedagógicos, se transformam ao longo de sua trajetória de processo.

A imaginação criadora

Por meio deste estudo busca-se uma aproximação com tema da imaginação criadora e a infância em suas fases iniciais de escolarização, considerando que essa seja uma etapa de grandes descobertas. O interesse em pensar a relação entre imaginação criadora e as ações educativas com crianças, é o da promoção da aprendizagem vivenciada em uma linguagem de formação humana completa, seja plástica, poética e corporal. Uma construção do saber entrelaçada às realizações da infância.

No período infantil da vida, a criança pode ser estimulada em busca de uma projeção de descoberta, como diz Bachelard (apud BARBOSA e BULCÃO, 2004 p. 41), “um voo ascensional, é um dos aspectos primordiais da imaginação criadora que impulsiona o ser num movimento vertical, uma ponte entre a terra e o céu, o finito e o infinito”.

Pela imaginação se constitui autonomia, é a própria mola da produção e aceleração do psíquico, ela provoca um fluxo de imagens novas. Nessa vertente fica claro que a imaginação liberta e impulsionam o homem para uma busca de si mesmo, imagens que ultrapassam a realidade.

Para Sandra Richter (2006, p. 24), a criança impõe “atividades” modeladoras de uma realidade prenomeada. Ela considera importante problematizar as concepções de imaginação criadora que orientam o ato de “educar a visão” infantil. A experiência problematizada na infância decorre diretamente da intencionalidade das ações pedagógicas propostas. É importante que a imaginação é que faz fluir a inesgotável “criatividade”.

São muitas ações e dinâmicas empregadas para a promoção da aprendizagem, dentre elas destacam-se a linguagem plástica, a linguagem poética, a linguagem corporal, o lúdico, tudo para favorecer e garantir o ato criador na escola.

Já dizia Bachelard (1996, p. 14), que a imaginação poética nos faz “criar aquilo que vemos”: a imagem vai ao real e não parte dele. A imaginação é capaz de fazer engendrar aquilo que se pode ver, porque faz crer no que vê e inventa uma visão, uma previsão. (RICHTER, 2006, p. 2). O filósofo da imaginação permite o mergulho em devaneios poéticos para compreender a dimensão da imaginação criadora como fonte inesgotável na educação do homem, em sua existência no mundo.

Sandra Richter (2006, p.243) deixa claro o papel da imaginação na fenomenologia bachelardiana ao afirmar que “é aquela que adere corpo-alma e mundo, é inverter ou substituir, diante do mundo, a percepção pela admiração, não é o abandono às fantasias”. A imaginação criadora, defende-se aqui, é uma ação alimentada pelo próprio corpo da criança, em uma dimensão do mundo em que se vive e descobre.

As fases iniciais de uma educação em constante descoberta são onde acontecem grandes possibilidades e encontros transformadores de concepção de mundo do aprendiz. A educação é considerada como um lugar de especiais encontros na formação do homem.

Os fazeres proporcionados na educação oferecem o privilégio de se estar em constante construção, pois é projetando ações, realizando experiências laboriosas de aprender que se encontra com o ato lúdico de operar diferentes linguagens.

Barbosa e Bulcão acreditam que educação para Bachelard implica fundamentalmente na formação do sujeito (2004, p.50). A noção de formação, segundo o filósofo, é muito mais completa e abrangente. O ato de conhecer não se reduz a repetição monótona, e sim um conhecer, de si aventurar no reino do novo, é estabelecer novas verdades, são experiências de coisas opostas que se integram no novo, é um diálogo com a experiência em uma construção constante no desenvolvimento e formação do sujeito.

Bachelard nos diz que o conhecimento não parte de uma certeza primeira. Ele começa sempre por um diálogo, pela troca de argumentos e pela negação e retificação do saber anterior, para em seguida alcançar novas verdades. O que percebe que o conhecimento é essencialmente uma atividade dinâmica de recomeço e de reorganização constante ideias.

Para Sandra Richter (2006, p. 243) “abordar a experiência poética em sua dimensão educativa, desde o pensamento de Bachelard, exige colher a imaginação criadora como um ato alimentado pelo corpo, não se encerra na ‘mente’, mas se espalha pelos gestos, exigindo nossas forças”. As experiências vividas a respeito do próprio corpo, nos gestos humanos, significam agir em direção à transformação do corpo e do mundo. Para Bachelard (1996, p. 152), o cogito do devaneio enuncia-se: “eu sonho o mundo, logo o mundo existe tal como eu o sonho”.

O dom de sonhar e abstrair, que se carrega desde o início da vida, orienta a criança para a criança e a invenção, o objeto, o desenho, a pintura, o viver o corpo; conduz a um plano da sensibilidade, o que faz dá imaginação um ato de importância vital na formação, indispensável à produção do conhecimento. A imaginação criadora atua com um forte impacto de realidade, uma fonte da invenção e da originalidade é de impressões armazenadas pela experiência.

Bachelard, em seu livro ‘A poética do devaneio’, chama atenção para as imagens da infância que se leva para o resto da vida. Um período que sempre fica esquecido nos pensamentos dos adultos. Devem-se ativar os próprios sonhos, propulsar o imaginário, iluminar as lembranças em sua existência poética, deve-se ter coragem de revitalizar e sonhar com o ser criança.

Um pensamento enquanto reinvenção de si mesmo lembra um trecho da obra “A poética do devaneio”:

Uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido, sonhamos no limite da história e da lenda, [...]. Essa infância, que aliás, permanece como uma simpatia de abertura para a vida, permite-nos compreender e amar as crianças como se fôssemos os seus iguais numa vida primeira (BACHELARD, 1996, p. 85).

Em uma abordagem reflexiva quanto a iniciativa de dar às coisas outro curso, outra autora diz:

Considerar a primeira aprendizagem realizada pelas crianças em suas fases iniciais de escolarização torna-se indispensável ressaltar suas experiências e esforços de aprender a compartilhar estratégias- sempre lúdicas -, [...] de colocar em movimento o corpo, imagens e palavras em seus jogos e brincadeiras (RICHTER, 2009, p.4).

Em uma dimensão de concepções e linguagem, considera-se insubstituível a contribuição da cultura, da experiência vivida através do corpo, sendo essa condição corpórea que se desdobra em decisões teóricas e práticas da vida e do conhecimento.

Através dessas experiências com o corpo é que se pode imaginar, sonhar, desejar, pensar, narrar, conhecer e escolher. Para Sandra Richter (2006, p.7), “as imagens desenhadas ou pintadas, modeladas ou construídas, modificam nossa relação com as coisas, com o mundo, com o corpo.

O sentido que se dá as escolhas, as construções e desconstruções na promoção do conhecimento do ser, promove um vaivém, opondo um progresso e um crescimento espiritual como meio de realização pessoal. Nessa busca a imaginação material desperta na criança sentido, sensações e vontades de aderir à um corpo a corpo com a materialidade do mundo, tornando-se uma escolha dinâmica e transformando em suas experiências.

O mundo da criança

O mundo da criança é representado por meio de suas expressões, vivenciadas por ela por meio do jogo, da imitação, do desenho, da modelagem. Esse é um processo significativo para a educação. Trata-se, aqui, da ideia de que a imaginação conduz à liberdade, a descoberta, pois permite o surgimento do novo, do surpreendente, do inesperado, de uma forma imprevista em nosso caminho.

Grande parte desse mundo vivido pela criança se dá nos espaços escolares. Para Bachelard a escola como lugar de cultura deve, pois, ser um lugar de formação, mas

principalmente de deformação e de reforma no qual a criança, em construção permanente, renasce a cada instante a se desenvolver e a crescer espiritualmente. Essa constituição de si mesmo conta com sentido positivo do erro que para ele deixa de ser uma falta, impondo-se como mola propulsora que impulsiona o indivíduo para a invenção de novas ideias.

Tem-se que ressaltar outras contribuições que são essenciais no processo de construção do conhecimento das crianças e significativos para o processo de sua formação. A criança é um ser em sua individualização, e é fundamental compreender sua história de vida e sua família, valorizá-la como um ser em formação; como um ser completo, considerando o imaginário como um fenômeno primordial ao processo de conhecimento. O domínio corporal, suas possibilidades e potencialidades são condições de aprendizagem; a valorização da comunicação, da fala, da expressão corporal da criança, considerando uma pedagogia autônoma e com abertura às reflexões pedagógica para as experiências vivenciadas pelas crianças, são fatos consideravelmente importantes para sua formação.

É através de diferentes experimentações, fazendo imagens, interagindo com diversas situações que a criança vai construindo repertórios gestuais e interpretando sentidos culturais diferentes, e configurando novos sentidos e imagens. Um ato que implica conceber sua formação nas fases iniciais de escolarização, como tempo e lugar de aprender e encantar-se com o ato lúdico de operar diferentes linguagens. É assim que se destacam as implicações educacionais, como um modo de aprender a realidade.

Sandra Richter (2006, p.245) comenta que “a imaginação é geradora, não apenas de formas, mas de valores e qualidades que apelam para a sensibilidade, uma sensibilidade que diz respeito ao nosso poder de escuta ao sermos olhados pensados e imaginando pelo mundo”.

Esse momento introspectivo faz produzir as lembranças, os sonhos, formando um único caminho na superação e descobertas de novas aprendizagens. O poder poético na criança deve ser sempre estimulado através da imaginação criadora, proporcionando descobrir um ser transformador de suas próprias experiências.

A criança deve ser regada de estímulos, que a levem a gerar e produzir sonhos, de onde abrirá caminhos para o dinamismo criador da imaginação, o que irá gerar uma linguagem, uma leitura desses sonhos. Por meio dessas experiências de devaneios, novos pensamentos serão construídos. No ideário bachelardiano afirma-se que para aprender seja preciso “desaprender”. É recomeçar sempre, é desafiar o novo a todo o momento.

Essa concepção de formação da criança faz um alerta sobre o tempo e ritmo em que cada uma delas se encontrará no seu interior e na questão da maturação para as diferentes linguagens. Para o pensamento bachelardiano, ritmo, hábito, retificação e conversão

constituem-se fenômenos temporais elementares, um tempo do pensamento (ciência e poesia), onde está sempre em recomeço repetição em formação lenta e contínua.

Vale considerar nessa fase inicial de formação da criança, uma fase que se transforma e que derruba obstáculos, que produz e cria novos fenômenos. Uma construção e reconstrução do conhecimento em um processo de transformação incessante do pensamento e dos sonhos.

Para os infames, há necessidade de transpor suas imagens, sonhos para a realidade do dia-a-dia se tornam significativos, legítimos, para que ultrapassem seus medos e inseguranças de viver o jogo da vida.

Os momentos de a educação abordar a experiência fabulador adora na infância, o poder produtivo das ações educativas, o modo escolar de aprender, as concepções sobre o ato de criar e imaginar, voltadas para as realizações das crianças através das atividades lúdicas do desenho, da pintura, da modelagem, das brincadeiras e aproximar aprendizagem e domínio das diferentes linguagens na infância.

O que as concepções pedagógicas minimizam na educação é o poder de as crianças aprenderem aquilo que não compreendem ainda através da experiência. O que atrapalha muitas vezes são as expectativas criadas pelos adultos, tornando-as sufocantes.

A espontaneidade infantil, imaginativa, criativa da valoração da fantasia e dos jogos de faz de conta, permite naturalizar uma concepção educativa, enraizada na imaginação, ao poder produtivo das linguagens, ampliando novas visões das coisas.

O que é fascinante na infância é o quanto a criança demonstra coragem para suas descobertas. Enquanto o adulto está sempre na retaguarda, a criança não se intimida de avançar a um estímulo, ela quer e acredita que algo poderá acontecer. Seus sentimentos, suas descobertas podem ser observados por suas ações corporais. Seu corpo fala, logo, ele percebe e reproduz. As informações adquiridas e vivenciadas por ela são acolhidas e aprendidas através da memória corporal. É ele, o corpo, o instrumento para a compreensão e o discernimento das várias linguagens.

Para Bachelard (1994, p.134), “a infância é fonte de nossos ritmos. É na infância que os ritmos são criadores e formadores”. O filósofo de Bar-sur-Aube afirma que a imaginação se vincula à experiência poética, de tudo que pode ser considerado distante do sentido habitual. Quanto mais a criança devaneia o seu mundo, mais intenso será o poder de realidade poética. Ela irá transpor os seus sentimentos, sua criatividade através da sensibilidade alimentada pela imaginação produtora e não produtora. O filósofo do devaneio refletiu que se imagina primeiro, se percebe em seguida e se lembra quando a circunstância acontece (RICHTER, 2006, p. 251).

Uma forma de expandir a imaginação é por meio do jogo lúdico – a dramatização espontânea vivida pela criança em seu espaço de aula – proporciona oportunidades, um despertar da criatividade. Por esse caminho do imaginar – perceber-agir, a criança abstrai e multiplica oportunidades de alcançar aprendizagem que parte do corpo e que marcam profundamente a vida adulta.

Uma criança que tem oportunidade de produzir, criar, manipular diferentes experiências, manipulando diferentes materiais, irá construir e interpretar sentidos e percepções que a levará a operar diferentes linguagens. A autora de “A marca da infância: quando o fazer é fingir” afirma:

Abordar a experiência de instaurar, transformar e transfigurar imagens na infância é predispor-se a abarcar os modos como as crianças plasmam experiências com a materialidade do e no mundo para configurar e transformar sentidos com outros através de suas narrativas icônicas. Não é ainda criação ou produção artística, antes é experiência de si por ser inseparável de uma história corporal, do modo como o corpo aprende a estabelecer relações com outros corpos a partir dos ritmos singulares de cada gesto que deixa marcas no mundo: é pensamento em ato (RICHTER, 2006, p.. 12).

A infância é marcada pelas ações e experiências que implicam a formação do ser humano. Nessa fase deve-se garantir o tempo e lugar para a criança aprender e encantar-se com o ato lúdico de formar linguagens, aprender e transformar imagens e palavras para a leitura de mundo. Como diz Sandra Richter (2006,p.13) “não se trata de afirmar o que “devem” aprender, mas destacar as implicações educacionais das repercussões dessas primeiras aprendizagens no corpo infantil”.

Os instrumentos pedagógicos que os educadores irão lançar mão serão sem dúvida os instrumentos mais valiosos para desenrolá-lo da fase em que se encontra em formação. As fases iniciais da criança em sua escolarização são destacadas como o marco inicial de uma vida que poderá ter um destaque brilhante ou um marcos de frustrações e desestímulos ofuscantes.

Tudo que é apresentado à criança como estímulo e motivação de descoberta, ela irá tornar vivo e manterá sempre um projeto de desejo para sua vida.

As artes plásticas, a poesia no corpo e na imaginação, o jogo lúdico, o brinquedo, as brincadeiras, as cantigas de roda são instrumentos que darão aos aprendizes e educadores o canal para despertar a imaginação criadora. É tarefa do educador ciente de sua responsabilidade formadora, buscar meios para transformá-la. A imaginação criadora é o espaço destinado a oportunizar e tornar significativo e legítimo as experiências novas e diferenciadas.

É importante ressaltar que a criança tem o desejo e a necessidade de experimentar e viver vários caminhos que proporcionam uma viagem lançada à descoberta de saberes. Afinal, ninguém sabe as mesmas coisas, do mesmo jeito. Cada criança é uma caixinha de surpresas, que se expande a todo o momento em que é estimulada. Para Bachelard (19996, p.21) “a relação professor-aluno não é uma relação de poder. O educador deve dialetizar a experiência”.

A autora bachelardiana vem destacar em suas pesquisas um dos momentos de luz do ser humano:

Quando uma criança chega ao mundo, algo se lança no movimento insaciável do aprender: invenção e existência se aderem o imprevisível acontece, se faz, se forma, se torna... Assim, mesmo quando a viagem do espírito conduz a muito longe e muito alto, o que leva consigo é encarnado, ritmado, experimentado, suportado pelo corpo. As especulações mais abstratas supõem vigílias, expansões e contrações, mobilizam nervos e músculos, tonalizam emoções, despendem energias vitais que vitalizam o ato de compartilhar a existência (RICHTER, 2006, p.14).

As oportunidades que são lançadas para o mundo infantil, o jogo de palavras, atividades lúdicas e plásticas, são também atividades que permitem à criança expressar suas vontades e desejos, suas faltas e medos, os delírios e os dissabores do seu estar no mundo. Tudo que lhe é proporcionado já faz parte direta ou indiretamente dessa fase inicial do ser humano. A infância é um marco esplendoroso para aquele que a descobre e não queima nenhuma etapa.

As atividades pedagógicas são levadas para o resto da vida dos adultos, são marcos que se carregam na memória e na imaginação, fios condutores para viver e descobrir caminhos que levem ao conhecimento. O espaço escolar passa a ser o espaço mais enriquecedor, que anima e proporciona ricas experiências para a criança. Um espaço que proporciona e transforma sua cultura, destruindo todos os obstáculos encontrados em sua vida.

O despertar da imaginação criadora faz com que alunos e professores deem asas para imaginar, criar, metamorfosear seu mundo, sua vida. O mundo que se cria e se descobre com a criança é sem dúvida um tempo que se está aprendendo, onde sempre se irá renovar aprendizagens e leituras de uma vida em construção.

Considerações finais

Ao buscar conhecimentos e esclarecimentos sobre o tema imaginação criadora na formação da criança, já se podia antever um tema rico e com uma abrangência e discussões de

grandes estudiosos com Gaston Bachelard e, entre outra pesquisadora do sul do nosso país, Sandra Richter.

Este estudo é apenas o início de uma busca de conhecimento sobre o assunto. Pensar na criança-infância é pensar em um capítulo especial de uma vida em busca do novo.

Absteve-se aqui de simplesmente focar a imaginação criadora como imaginação reprodutora, que oportuniza a utilização dos sentidos, das emoções, do fazer, imaginar e criar. Trata-se da ideia de que a imaginação criadora conduz à liberdade, pois permite o surgimento do novo e do inesperado, de forma imprevista em nosso caminho. Tanto na epistemologia como na poética está presente a ideia de imaginação como fonte de produção de conceitos e geradora de imagens que brotam no âmago da consciência.

Nesse sentido, alunos e professores podem querer dar início a uma nova busca da própria vida em diferentes mundos da imaginação.

Na tentativa de conhecer e entender mais sobre as contribuições e concepções da imaginação criadora nas fases de escolarização, acrescente-se aqui, mesmo que superficialmente, o lúdico como procedimento para o processo ensino-aprendizagem. Nos estudos apresentados o lúdico é considerado uma ação transformadora, no sentido de desencadear atividades que valorizam o prazer de aprender por meio das concepções e das imagens criadas livremente pela fomentação da fantasia e imaginação do ser.

Para que o processo de construção das diferentes linguagens ocorra, é de fundamental importância a presença de docentes preparados em desafiar os seus próprios medos. Uma característica que ira ressaltar esse profissional é a coragem. Coragem de criar, inventar o novo. Como já dizia Bachelard, do educador exige coragem de reinventar a si mesmo, reinvenção que passa pela experiência de imaginar-se e fazer-se.

O período que se partilha com as crianças é o período mais rico em novos desafios. A imaginação criadora pode ser um caminho para a aprendizagem significativa e transformadora. Nesse sentido, a diversidade das aprendizagens envolvidas no ato de imaginar, viver e criar será o grande desafio para o processo de formação.

Este estudo pode ser uma oportuna sugestão para a descoberta de uma aprendizagem significativa com o uso das diferentes linguagens. Mas o que importa, sem dúvida, é encontrar um caminho que seja mais claro e oportunize momentos ricos de desenvolvimento global nas fases iniciais da criança.

Referências

BACHELARD, G. A Poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FRONCHOWIAK, A. C.; RICHTER, S. A poética do devaneio e da imaginação criadora em Gaston Bachelard. In: Seminário Educação, Imaginação e Linguagens Artístico-Culturais da UNESCO, 2005, Criciúma. **Anais...** Criciúma: UNESCO, 2005.

RICHTER, S. R. S. Bachelard e a experiência poética como dimensão educativa. **Revista Educação**. Santa Maria, n. 2, v.31, p.241-254, jul./dez.2006.

RICHTER, S. R. S. A marca da infância: quando o fazer é fingir. In: Reunião Anual da ANPED: Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromissos, 29. **Anais ...** 2006. Caxambu-MG: ANPED, outubro 2006.

BARBOSA, E.; BULCÃO, M. **Bachelard**: pedagogia da razão pedagógica da imaginação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

RICHTER, S. R. S. **A dimensão ficcional da arte na educação da infância**. 2005. 289 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.